LISBOA — SEGUNDA-FEIRA, 15 DE AGOSTO DE 1921

Diario de Lisbôa

ANO 1.º — N.º 112 — 10 CENTAVOS
Secretario da redacção: ALVARO DE ANDRADE

Director, proprietario e editor
JOAQUIM MANSO

Redacção, Administração e Oficinas
RUA DO MUNDO, 116, 1.
Telefone 487 (C.) — Endereço telegrafico Diboa

A PARADA de ontem foi verdadeiramente — parada. Nem imponencia, nem «entrain», nem sequer um lustro modesto.

Vimo-la desfilar a meio da Avenida. Passou por nós em três minutos, apesar do seu efectivo ter sido reforçado com um dêsses carros da Camara Municipal que distribuem pelas ruas a agua que o sr. Carlos Pereira não deixa brotar dos contadores...

A tribuna do Teatro Nacional estava vistosamente engalanada com meia duzia de reposteiros descorados, a imitar colchas. Esses reposteiros devem ser reliquias do tempo de Nun'Alvares.

A servirem de toldo preservador dos ardores do sol, duas duzias de farrapos de lona de scenario, colados uns aos outros, com tintas de várias côres.

Convem notar que foi dessa tribuna que o venerando Chefe do Estado assistiu ao desfile das fôrças em continencia.

* * *

ONTEM devia ser feriado, mas como era domingo e parecia mal somar dois descansos num só dia, fez-se um desdobramento. Nun'Alvares, que foi um infatigavel guerreiro no seu tempo, concorre assim para o desenvolvimento da preguiça nacional. Os morteiros desta manhã não pretendiam acordar os dorminhocos, mas sim lembrar-lhes que podiam comemorar na cama a batalha de Aljubarrota.

* * *

O NOSSO presado colega *A Manhã* aproveitando amavelmente o ensejo de nos classificar como primeiro orgão da boa informação—é muito para a nossa modestia!—lembra-nos gentilmente que há mais dum mez inseriu nas suas colunas o relatorio do sr. director da investigação ácerca do crime de Alpiarça, do qual se infere que o assassino deve ter sido um dos passageiros do automovel.

Recordamo-nos disso. Simplesmente não foi o sr. dr. Reis Junior quem inspirou o nosso artigo de sabado. Escrevemo-lo depois de termos ouvido em conversa amistosa e absolutamente particular, alguem que conhece o escabroso caso tão bem ou melhor do que aquele magistrado.

Amavelmente o afirmamos ao corpo redactorial de «A Manhã», jornal que consideramos com toda a modestia de que dispômos como segundo orgão de verdadeira informação.

Visto que a «A Manhã» quiz ter a gentileza de dizer qual é o primeiro...

* * *

LLOYD George lê e medita os seguintes autores: Grote, Gibbons, Mommsen, Macaulay, Froude e Green. Nos seus discursos, refere-se frequentemente a Carlyle, Scott, Dickens, Thackeray, Smollett, Fielding e Sterne. Dos modernos os seus preferidos são Meredith, Stevenson, Wells e Bernard Shaw.

Em Portugal, se constasse que um estadista consagrava tanto tempo á leitura, corria risco de se desacreditar. A sciencia, entre nós, nasce nos miolos, por geração expontanea. Ninguem estuda, a não ser os idiotas. Estes frequentam as bibliotecas, porque não têm nada que perder.

* * *

A POLICIA continua a dar caça aos batoteiros e estes a caçar no terreno da policia.

NUN'ALVARES

Comemorou-se ontem Aljubarrôta. O regime, associando-se á comemoração da data histórica e integrando-a nas funções oficiais, não faz mais do que prestar culto ás virtudes tradicionais da Raça, na invocação mistica e na evocação poetica dessa figura gentil da nossa cavalaria, que foi Nun'Alvares, a representação quasi lendaria mais perfeita das figuras celtas da Tavola Redonda.

Aljubarrota é apenas um simbolo, nem deve ser mais. Simbolo das virtudes fundamentais da Patria, servidas pelo esfôrço de um heroi e santo, condensação da bravura medieva, recortada do espirito religioso do tempo. Os povos retiram dos grandes factos historicos apenas a lição que resulta, naturalmente, do esfôrço eterno dos seus herois. Os acontecimentos que determinaram as epopeias e fizeram os santos só valem para a história de um periodo patrio.

Aljubarrota é Nun'Alvares com 24 anos, o Mestre de Aviz com pouco mais; é a lenda de Brites de Almeida, a padeira, é Mem Rodrigues, é a ala dos namorados. E', emfim, a integridade da Patria, salva pela Fé dos cavaleiros leais. Aljubarrota hoje não é Castela vencida. Não tem nada que ser uma página sombria da gloriosa história da Espanha medieval.

Determinou-se que o aniversario de Aljubarrota seja a festa da Raça e Nun'Alvares o heroi maximo da Patria. Seja. Só nos parece absolutamente necessario que se faça conhecer ao Povo, mais do que pelo elementar manual de escolas primarias, o que foi Nun'Alvares e o que quiz significar, na sua «étape» historica e decisiva, o encontro de D. João I de Castela e D. João I de Portugal, há 537 anos. Doutra maneira, a festa da Raça, êste ano solenizada de uma forma tão inferior ao objectivo imponente e delicado que a sugeriu, será apenas a festa de uma pleiade de academicos, de arqueologos, de puritanos politicos de um idealismo esteril.

Não se cuida saber porque é que Nun'Alvares é o espirito da Raça: se, por ser heroi, se, por ser santo. Esta figura, que liga a bravura de Cid com a beleza mistica de Joana D'Arc, perde o recorte humano e está na história apenas como uma representação fiel da alma da Nação, do espirito religioso mais puro e do braço heroi mais nobre de toda a Raça.

Por isso, será o simbolo da Raça, e Aljubarrota a sua festa nacional. Mas é preciso ensinar tudo isto ao povo, e imprimir, de futuro, ás solenidades uma grandeza que fique longe do rasteirismo do seculo XX, mas muito perto do coração de nós todos.

X.

O ESTADO vai afinal interessar-se pela organização da Feira de Lisboa.

O sr. ministro do Comercio apresentará amanhã na Camara dos Deputados um projecto de lei concedendo a verba necessaria para a sua efectivação.

Foi pelo menos, o que ficou assente esta tarde depois duma conferencia entre os srs. dr. Fernandes Costa, Saldanha Carreira e Lisboa de Lima.

O sucessor do sr. dr. Antonio Granjo manifestou o desejo de que os trabalhos da comissão da Feira de Lisboa se aproximem tanto quanto possivel dos trabalhos da comissão da Exposição do Rio de Janeiro.

Aquela realisar-se-há em Abril do ano proximo e esta em Setembro. Deste modo a Feira de Lisboa constituirá um estimulo para os nossos expositores que, tendo os mostruarios já feitos, não deixarão de concorrer ao «certamen» da capital brazileira.

Alem disso teremos tudo a lucrar efectuando primeiro a nossa Feira, porque Lisboa centralisará os expositores europeus que se dirigirem ao Rio de Janeiro.

As duas verbas a conceder pelo governo, serão votadas amanhã mesmo.

O governo vai tambem determinar que sejam activadas as obras no Museu Colonial e no Jardim Agricola Colonial, ponto de apoio da Feira de Lisboa.

A comissão trabalhará para que lhe sejam cedidos os terrenos do Desembargador que se prestam magnificamente para as instalações.

* * *

A ATRIZ Berthe Bady, que ha dias se finou, revelou-se em 1899, por ocasião das «matinées» literarias organisadas por Catulle Mendés, com o concurso de Max, Sarah, Gémier, Fugére e Litvinne.

A sua figurinha fragil, plena de gravidade e de misterio, era um encanto. A sua voz que recitava poemas obscuros, ás vezes indecifraveis, dum simbolismo dificil, prendia a juventude que a escutava.

Tinha, sobretudo, a arte de falar num tom suave, lento, em que as vogais fortes pareciam soluços duma tristeza nevoenta, longinqua, perdida na bruma.

A sua morte parece ter sido revelada então, pois que se deu quasi no silencio duma enfermidade sem nome, desconhecida, que a consumiu, emquanto um sorriso doloroso, enigmatico, lhe punha nos labios finos uma magoa ligeira, indefinida, remota.

* * *

DO relatorio elaborado pelo sr. dr. Reis Junior, sobre o crime de Alpiarça, depreende-se a certeza de que os assassinos do tenente Fonseca foram os passageiros do automovel.

Ainda hoje no-lo afirma o nosso colega «A Manhã», a proposito do artigo que publicámos no sabado.

Ora, sendo assim, como se explica que na cadeia de Santarem continue preso um inocente?

* * *

PRODUZIU impressão em Lisboa o artigo de «O Primeiro de Janeiro» em que se solta um grito de alarme contra a infiltração dos alemães em Portugal.

Haverá motivo para tal?

UMA VELHA QUESTÃO

O PROBLEMA LUSO-BRASILEIRO

O "DIARIO DE LISBOA" ENTREVISTA O ILUSTRE :-: OFICIAL DA ARMADA SR. NUNES RIBEIRO :-:

VANTAGENS DA CONFEDERAÇÃO LUSO-BRASILEIRA—PORTUGAL, ENTREPOSTO DOS PRODUTOS DO BRASIL E DE ANGOLA—O PODER MARITIMO DA CONFEDERAÇÃO—A FACE MILITAR DO PROBLEMA—O DESARMAMENTO GERAL DAS NAÇÕES

Em fins de 1914 (vivia-se num periodo de incertezas sobre o resultado final da guerra desencadeada pouco antes) iniciou a «Lucta» uma série de artigos de critica militar, onde, dia a dia, a estratégia dos exercitos em campanha era comentada com saber de causa e largueza de vistas, denotando por parte do seu autor um conhecimento amplo dos factos e uma sagaz previsão dos acontecimentos. Assinava-os o então primeiro tenente da armada, sr. Nunes Ribeiro, notabilizado já, quer pelos seus meritos de parlamentar, que tanto por vezes contribuiram para a proficuidade de certas medidas, quer pelo seu plano de reorganização da nossa marinha de guerra, que o mesmo jornal inseriu como um dos mais bem deduzidos e valiosos trabalhos sobre tão grave e complexa materia.

Vistos com simpatia entre os aliados e traduzidos alguns dêles em jornais estrangeiros, valeram-lhe êsses artigos o oficialato da Legião de Honra e o da Corôa de Italia, dando-lhe por direito de conquista um posto de destaque na critica militar.

Julgámos, portanto, de utilidade ouvi-lo sobre o problema luso-brasileiro, situado a dentro das suas atribuições, tanto mais que por êle se manifestara já publicamente, como um dos mais entusiastas partidarios da idéa de uma Confederação lançada entre nós pelo insigne scientista dr. Bettencourt-Rodrigues.

Recebeu-nos o ilustre oficial no seu gabinete de director geral dos Transportes Maritimos, e explicado ao que iamos, logo êle, numa cativante singeleza de maneiras, começou:

—A teoria do supernacionalismo—agrupamento de nações como a União Latina ou «Latinia» de Desdeveses du Dézert, a «Great Oceana» dos ingleses e a «Mittel Europa» dos alemães—é definitivamente uma realidade, porquanto a fórmula de confederação de estados fronteiriços posta já em prática, tomou uma maior amplitude, alargando-se ainda, que sob o mesmo aspecto, a estados de situação geográfica bem afastada e diversa. Em 1917, publiquei na «Atlantida» um artigo onde julgo ter demonstrado que a Confederação Luso-brasileira se impõe por fôrça das necessidades económicas e comerciais dos dois paizes e, consequentemente, pela questão militar que é o seu natural corolario.

A confederação luso-brasileira

—E encara ainda hoje o problema pela mesma forma?

—Absolutamente. Em 1917 queria ver realizada a Confederação no intuito de Portugal obter maiores vantagens no Tratado da Paz, pois, como então o demonstrei, o oculto fundamento da grande guerra foi, sem duvida alguma, o principio já estabelecido com firmeza pela história e pelo raciocinio, de que os mercados mundiais tendem, de uma maneira inevitavel, a ser monopolizados pela nação cuja marinha mercante consiga o monopolio do tráfego maritimo. Sendo êste portanto o objectivo a realizar pelos que vencessem, natural era que, aniquilado o inimigo comum, o que implicaria a ruina da marinha mercante alemã, os mais poderosos dentre êles quizessem obter essa primazia no tráfego maritimo, esmagando em seu proveito os menos fortes.

—E traria a Confederação de que fala vantagens para um e outro Estado? — inquirimos.

—Mas, que duvida. Sendo Portugal servido por linhas estrangeiras, pode perder a esperança de que nacionais realizem o desenvolvimento económico das suas colonias; e emquanto o Brasil se achar em igualdade de circunstancias, jámais passará de um mercado dirigido em absoluto pelos que detêm a navegação, que tornam as suas praças comerciais na Europa os reguladores da exportação dêsse paiz. Ora a idéa que eu defendo e que estimaria ver breve posta em prática, vinha facilitar e regular os interêsses de ambas as nações, autorizando o desenvolvimento comercial de cada uma, a coberto das suas mutuas fôrças.

A emigração portuguesa para o Brasil

—E haverá outros motivos mais que justifiquem e imponham essa idéa?

—De certo. Olhe, por exemplo, a emigração, considerada como o mais antigo fenomeno de expansibilidade, que, fazendo-se desde longos seculos de Portugal para o Brasil, infiltrou no povo brasileiro todas as caracteristicas da raça portuguesa, permitindo que funções incomensuraveis, como a etnologia das gentes, a organização dos Estados e o grau de civilização que atingiram, se encontrem em equilibrio nos dois paizes, o que constitue sem duvida a mais sólida base da Confederação que preconiso.

«Mas não fica por aqui — continuou: —Os produtos brasileiros e os da nossa colonia de Angola — é intuitivo — necessitam absolutamente de um entreposto na Europa, não havendo para o caso outro melhor que Portugal. Foi-o êle sempre desde a época longinqua das descobertas, em que se abriu ao que do Oriente e de mais partes trouxeram navegadores e aventureiros. As variadas feitorias que pelo mundo espalhou, admiraveis de organização e estrutura, são o testemunho seguro da concepção comercial do tempo. Os seculos, porêm, não conseguiram que Portugal se expandisse na Europa em territorio e população, e, consequentemente, ao desenvolvimento sucessivo da produtividade das nossas colonias, corresponde um consumo proprio sem importancia de maior, buscando colocar no estrangeiro, na quasi totalidade, os produtos que delas nos vêem. Por seu turno, o Brasil é um exportador formidavel; e daí uma semelhança de interêsses reciprocos que, reforçada pela posição geografica de ambos os povos, constitue a verdadeira razão de ordem para o estabelecimento de uma Confederação entre êles.

—Mas não teme o comandante que de futuro, apesar da semelhança que aponta, os interêsses de cada um se oponham e contrariem?

—Por forma alguma. A Confederação implica mesmo a sua comunidade, canalizando-os e dirigindo-os, de maneira a não permitir que se choquem entre si, o que seria gravemente nocivo á economia tanto de Portugal como do Brasil. Da grande produtividade desta ultima nação e da nossa colonia de Angola só podem resultar, se se confederarem, vantagens para os dois estados; de contrário, a luta de interêsses enfraquecê-los-há, tornando-os incapazes de resistir ao inimigo económico comum.

A questão militar

—Falou há pouco ainda na questão militar...

—Porque tem uma capital importancia. O tráfico é dos mais valiosos elementos do poder maritimo. Realizada uma vez a Confederação Luso-brasileira, o poder maritimo dêsse conjunto será formidavel; mas, para que êle se afirme em absoluto e fique ao abrigo de perigos varios, que possivelmente lhe advenham, para que se sinta protegido e se sustente, é mister que a Confederação garanta o dominio do mar, mantendo o sossêgo no Atlantico sul e norte, guardadas e seguras as suas linhas de comunicação. Ora nós possuimos o escalonamento pelo Atlantico de bases valiosas para garantia dessas linhas, o que se não dá com o Brasil, podendo êle, no entanto, contribuir para que sejam organizadas convenientemente.

—Acha, pois, v. ex.ª — dissémos — que para a efectivação do seu plano é forçoso encará-lo, não apenas sob o lado económico, mas tambem sob o aspecto militar.

—Quanto maior importancia económica tiver a Confederação e á medida que essa importancia se fôr acentuando, tanto mais numerosos serão os inimigos comuns, o que implica, como salvaguarda e defesa, o correspondente acréscimo da fôrça militar.

—Vemos que não deposita quaisquer esperanças no desarmamento geral de que tanto se tem falado desde que a guerra cessou.

—Ah! mas nenhumas! Primeiramente, porque o que para aí se chama «desarmamento geral», não passa de uma tentativa de acôrdo com o fim de restringir os armamentos dos grandes paizes; depois, porque não me parece—e os factos vão-se encarregando de o demonstrar — que essa tentativa consiga grandes probabilidades de êxito. Limitação de armamentos significa que os Estados contractantes se obrigam a não transpôr um certo limite de fôrça militar, que julgam necessaria para defesa dos seus interêsses. Mas, porque há interêsse, torna-se indispensavel definir os de cada um para que os outros os não invadam, o que, por imensamente dificil, não comporta qualquer restrição nessa fôrça, que é, afinal, a unica garantia de propriedade entre os Estados. Poderão êles, na verdade, empreender um acôrdo que autorize aos que da guerra sairam com as finanças mais ou menos arrazadas acumular varios milhões de libras, destinados nestes primeiros anos a promover o seu rapido desenvolvimento económico? Mas quanto mais activo fôr êsse desenvolvimento, tanto maior será a soma de interêsses que se agitarão, surgindo como inevitavel a lei de defesa da propriedade e o empenho — porque não dizê-lo! — em obter o que é dos outros. A menos que...

—Diga, comandante.

—... cheguem a um ajuste sobre a divisão de interêsses, estabelecendo areas de influencia ou qualquer outra forma de acôrdo, que trará vantagens aos contractantes, mas donde, por certo, advirão graves prejuizos ás nações que se acharem compreendidas nessas zonas.

O desarmamento geral não merece confiança

—Consequentemente, não deve Portugal ter fé nos anunciados beneficios resultantes do desarmamento que tanto se apregôa?

—Segundo o meu critério, que julgo verdadeiro, nada de bom poderemos colhêr, sendo-nos dado sómente contrabalançar os prejuizos futuros, se crearmos uma organização tão forte que actue em pêso nas decisões dos outros paizes.

—E, posta em prática a idéa da Confederação que preconiza, supõe importante a fôrça que dela derivará?

—Importantissima! — exclamou com viveza o comandante Nunes Ribeiro —. Portugal e o Brasil confederados (com a nossa colonia de Angola a dentro do acôrdo, é claro) podem dispôr de uma fôrça tal, que seja a garantia dos seus interêsses, quer na America do Sul, quer na Africa do Sul, independentemente do que representará Moçambique no caso de conflito; convindo notar que, indicando a Confederação as vantagens que advêem a cada um dos povos que a constituem, especifica tambem os seus deveres, donde resulta o mutuo auxilio de carácter económico, financeiro e militar a que os mesmos povos se obrigam.

—Disse v. ex.ª, há pouco, que tudo se baseia na questão do poder maritimo, dando a marinha mercante um papel da mais alta importancia.

—E' verdade.

—Mas Portugal e o Brasil... — insinuámos.

—Já sei onde quere chegar. De facto, nem nós dispomos do numero preciso de navios para garantir o tráfego por inteiro de passageiros e carga do Brasil, nem esta nação dispõe igualmente de navios mercantes para se bastar a si mesma. Dado, porêm, o acôrdo de que tenho falado, poder-se-há realizar um bom serviço entre o Brasil e a Europa, sem que qualquer das marinhas mercantes dos dois paizes seja sacrificada, obtendo até pelo contrário beneficios que resultarão em proveito de cada uma separadamente.

—Julga, pois, necessario, a bem de um e de outro Estado, que se resolva de urgencia o problema luso-brasileiro?

—Isso lhe venho eu dizendo desde que principiámos esta conversa. Portugal e o Brasil — creia-o — têm de pensar desde já e a sério no que lhes convêm defender, e baseados na comunidade de interêsses tendente ao seu desenvolvimento mutuo — sem que abdiquem dos seus direitos de nações livres que devem conservar a todo o transe — unirem-se em bloco, organizando uma Confederação, como unica forma de se opôrem e reagirem a qualsquer pretensões estranhas, que possivelmente se manifestem de claro e insofismavel modo, num dia futuro, mais cêdo ou mais tarde. Esta parece-me a unica doutrina que para um e outro paiz as circunstancias de momento exigem e as condições de vida futura aconselham. E não me engano, acredite. O tempo se encarregará de o provar.

A. Rodrigues-Pereira

BANCO INDUSTRIAL PORTUGUÊS
RUA AUGUSTA, 116
LISBOA
COFRES DE ALUGUER
(Casa FICHET, Paris)
Em casa forte, construida pelos processos mais modernos
e com todas as garantias de segurança

ARTE & LETRAS

SINGULAR CARNAVAL

(FANTASIA LIRICA, EM 1 ACTO EM VERSO)

A scena representa o jardim espaçoso e florido de um baile de mascaras. Lá dentro ouve-se dançar e rir desvairadamente, numa orgia louca! O Mascarado entra no jardim, alucinado, tirando a mascara, como que aborrecido e irritado, num desdem supremo pelas gargalhadas que cada vez ecôam mais sonoras e repetidas. Fala:

Gargalhai, almas loucas, putrefatas,
Que arrastais pela lama o coração!
Gosto de ouvir-vos, almas insensatas,
Rindo da vossa propria podridão!...

Mergulhai-vos no lodo dessa orgia,
Desvairadás, febris, alucinadas!
Vós que andais a chorar á luz do dia
E rides, sob a masc'ra, ás gargalhadas!...

Bocas que vos abris num riso hediondo,
Almas manchadas pela luxuria,
Ides talvez, sem o saber, compondo,
A gargalhar, um psalmo de agonia!...

Que diferença entre o meu fado triste
E a vossa sina venturosa e boa!
Na vossa alma só o Gozo existe!
A minha: abismo que ninguem povoa!...

Antro de Morte, onde só vive a Dôr!
A Dôr eterna, pura e infinita!...
Sepultura tambem dum grande amôr...
—Alma minha, alma heroica, sê bemdita!

E comtudo eu lamento a vossa sorte
Que faz de vós os titeres da Vida!
Se paira sobre mim a mão da Morte,
A vossos pés abisma-se a descida!...

Eu tenho dó de vós, ó desgraçados,
Que rastejais na lama do monturo:
Nos vossos cér'bros tôrpes, depravados,
Nunca existiu um Ideal mais puro!...

Gargalhai toda a vida, ó almas imbecis!...

(Uma mascara negra aparece no limiar da escada que deita para o jardim. Aspecto sinistro e aterrador. Misteriosa e ironica. Fala. A'parte:)

E' o momento agora... (*alto*) E tu, porque não ris?...

O MASCARADO

—Quem és, máscara negra?

A MÁSCARA

—Alguem que vos adora!

O MASCARADO

Deixa-me em paz! Es como as outras...
Vai-te embora!...

A MÁSCARA

—Não sabes quem eu sou, minha pobre criança!
Escuta: Ouves lá fóra o turbilhão da dança,
O ironico tinir das gargalhadas loucas,
Aquela imensa orgia, aquelas vozes roucas
Que escarnecem talvez da tua imensa dôr?...
Ouves, não é assim? Causam-te dó e horror!
Pois bem! Quer's nunca mais ouvi-las rouquejantes,
Estampados por mim nos tôrvos semblantes
Os estigmas do Vicio e da Devassidão?
Quer's libertar-te, tu, da sua podridão,
Acabar duma vez com essa dôr fatal
Que fez murchar em ti a flôr do Ideal
E que te oprime e esmaga e fere e dilacera
E tem nas mordeduras impetos de féra?

O MASCARADO

Mas quem és tu, ó máscara sombria?
Estou sonhando? E' isto um pesadelo?
Mas não! Eu vejo bem a ironia
Que anda a boiar no teu olhar de gelo!...

Mas quem és tu, extranha aparição,
Que assim vens, singular, misteriosa,
Despertar o meu pobre coração,
Afeito já á sorte caprichosa?

A MÁSCARA, *num sorriso cinico*:

Não te importe sabe-lo! Diz-me apenas
Se quer's findar p'ra sempre as tuas penas,
Ter a felicidade doutras éras...
Aquela que é real e sem quiméras!...

Se o quizer's, desgraçado, vem comigo:
Tens no meu peito o teu melhor abrigo!

Nele acharás o bálsamo sagrado
P'r'as tuas desventuras, meu amigo,
E o teu corpo dorido, maguado,
Nele repousará... Anda comigo!...

(Subitamente, outra mascara, mas esta a antitese perfeita da primeira, pois que traz um dominó côr de rosa a envolver-lhe o corpo de formas donairosas e um mascarim da mesma côr sobre os olhos, donde dimana um luar purissimo, infinitamente caricioso e perturbante, entra tambem no jardim, onde as flôres parecem animar-se e tomar vida!... E fala assim, dirigindo-se á 2.ª mascara, num tom mixto de despreso e ironia:)

Bem te conheço, ó negro dominó!
Escusas de ocultar o rosto abjecto!...
Deixa esta preza... Vai-te embora só...
—Causas horror com teu sinistro aspecto!...
Andas então, envolta de misterio,
Com mentirosos gestos de carinho
E uma doce expressão no rosto serio,
A tentar quem encontras em caminho?...

Folgo de te encontrar jovial, assim,
Alma de fera, expectro horripilante!...
—Como te fica bem o mascarim
Por sobre o puro e casto semblante!...

O MASCARADO, *numa expressão de espanto*

Sonharei eu, Senhor?

2.ª MÁSCARA

—Não sonhas, não!
Alma desventurada, alma em botão!...
Isto que estás ouvindo, e de que pasmas,
Não é visão, nem sonho de fantasmas!...

E' a luta titanica dum monstro
De sarcástico, fundo e torvo olhar,
—Já a verdade disto te demonstro—
Com uma virgem pura de luar!...

(*Dirigindo-se á 1.ª Máscara*)

Não é verdade tudo o que ahi fica?
Conta tu propria, vá, se eu sou ou não
A luz que tudo beija e purifica,
E tu a eterna e fria escuridão!...

1.ª MÁSCARA, *irritada e colérica*:

Maldita sejas, mascarada extranha,
Que vens atravessar-te em meu caminho!...
Ha-de custar-te cara esta façanha,
Alma maldita, que eu não advinho!...

2.ª MÁSCARA

Basta já de peçonha, reptil!
Vai-te em seguida para o teu covil!...

1.ª MÁSCARA, *num gesto de vencida*:

Pois bem, irei!...

(*Ao Mascarado*)

E tu, que quer's saber
O meu nome terivel, grande e forte,
Vais ouvi-lo e dele has-de tremer!...
Não o esqueças nunca!... EU SOU A MORTE!

(Sai altiva e arrogantemente. O mascarado tem uma explosão subita de desespero e exclama:)

Leva-me então comtigo!

2.ª MÁSCARA, *atalhando-lhe o passo*:

O' desgraçado,
Pára, em nome de Deus, do Creador!
E's a tal ponto, pois, desventurado,
Que quer's matar teu coração em flôr?...
Acalma-te e serena, alma infeliz!
Poisa no meu teu maguado olhar!...
Vou-te arrancar do seio, pela raiz,
Essa dôr funda que te fez pecar!...

(Ao gesto de duvida que o Mascarado faz, acrescenta:)

Posso faze-lo, crê, logo que queira!
—Sou poderosa, mas sem ser feroz!...
Tenho nas minhas mãos a Terra inteira...
Toda a gente se curva á minha voz!...

Ao meu sorriso desabrocha a Flôr!...
E nascem lirios na aridez do monte,
Ao meu sôpro de vida, creador!...
E o meu olhar, a transbordar frescura,
Faz dum lampejo só brotar 'ma fonte,
Murmurante e plena de agua pura!...

Eu tenho no meu peito fecundante
O lenitivo para as tuas dores!...
—As almas tristes curo-as num instante
Co'os meus limpidos olhos redentores!...

Dentro de mim, nesta minh'alma imensa,
Ha vida e luz, há sol e há calôr!...
Fé, esperança, caridade e crença...
Tudo o que é belo e purificador!...

Vem pois comigo que te livrarás
Do fado triste que te arrasta á cova!...
Tornar-te-hei muito feliz, verás...
—Há de nascer em ti uma alma nova!...

O MASCARADO, *numa expressão infinita de êxtase*:

Oh, como me faz bem a tua voz!...
O divino fulgôr do teu olhar!...
Sinto fugir de mim a dôr atroz!...
—Fita-me mais... assim... quero sonhar!...

2.ª MÁSCARA

—Que alma tão pura!...

O MASCARADO

—O' Ideal perfeito,
Diz-me quem és, ó anjo redentor!...

2.ª MÁSCARA, *ternamente, amparando-o*:

Poisa de manso a fronte no meu peito...
—Caminhemos os dois... EU SOU O AMOR!

(E saem ambos enlaçados ao luar tranquilo e purissimo, emquanto lá fora a dança continúa, embriagante e febril, e serpentinas esvoaçantes veem cair sobre eles, enlaçando-os mais... envolvendo-os carinhosamente nas aleas luarizadas do jardim!...)

(CAE O PANO LENTAMENTE)

Armando de Miranda

N.º 2 — Folhetim do DIARIO DE LISBOA — 15-8-921

O FEITIÇO

por CARLOS BABO

—Quero que ela hoje mesmo leia a sina ao rapaz.

....

Passaram anos. O menino fez-se homem. Tinha tal geito para a *escrituração*, como dizia a senhora *Inácia*, sua mãe, que o pai, apesar de precisar da ajuda do filho para distribuir copos pelos fregueses, que lhe não davam mãos a medir, fez a vontade a *Frederico*: deixou-o bem livre, bem comido, bem vestido, entregue aos impulsos nunca vistos do seu talento pelas letras.

....

Ao principiarmos a recolher estas notas, *José Agostinho*, há oito meses, que, depois de uma congestão sobre uma tinalha de vinhos num fim de seia, á meia noite, tem ido confrontar na outra vida as suas utilidades com as do *Pedro da Cacilda*, morto, seis dias antes, de uma rectite sifilitica.

Frederico está no apogeu. Já publicou seis livros, e, por toda a parte, moços, velhos, mulheres e creanças, não falam de outra coisa. Só se ouve dizer: Ai, o *Frederico*!... Tu já lêste o *Frederico*?... Olha, hoje não escreveu nada o *Frederico*!! Ninguem escreve como o *Frederico*! Não se póde passar sem o *Frederico*! Acolá vem o *Frederico*...

Depois, nem se lhe dizia o nome. Era «*Ele*». Quando se dizia «*Ele*», toda a gente sabia: era o *Frederico*. E «*Ele*», por sua vez, já se não assinava *Frederico*. Acudindo do alto do seu imenso resplendôr de consagrado á evocação sintética, erguida pelo Turbilhão nestas três letras «*Ele*», correspondia, egualmente, com uma sintese, assinando-se simplesmente: *Eu*.

Só uma duzia de compatriotas d'«*Ele*», embasbacados, perplexos, preguntavam entre si (preguntá-lo aos outros seria motivo de guera civil com graves complicações internacionaes) o que fazia «*Ele*», para a turba intelectual o trazer a cavaleiro.

Liam os livros d'*Ele*, reliam as colunas dos periódicos cheias de letras d'*Ele*... Chamaram tipógrafos, compuzeram á parte a prosa e o verso d'*Ele*, desfizeram, tornaram a fazer, trocaram as palavras, as frases, os periódicos, os sujeitos, os verbos... Nada. Deveria lêr-se do fim para o principio? Experimentaram... Nada! Era sempre *Ele*... e nada mais.

Alguns chegaram, com timida prudencia, a manifestar, deante de um amigo e admirador d'*Ele*, a sua estranheza...

—Não compreendemos...

—Vocês são uns idiotas!—retrucou, irado, o amigo e admirador.—Aquilo é a Arte!

Os outros espantaram os olhos e arregalharam a bôca.

O amigo e admirador continuou, com a mão esquerda sobre o coração e a direita a espetar o espaço:

—A Arte!... Ah!... A Beleza! Eh!... *Ele*!! Oh!!...

Voltou as costas aos interlocutores e foi-se de braços erguidos, a soprar:

—O'... ó... oh!!!

Não desistiram. A inteligencia estava intrigada e comprometida. Tomaram coragem e resolveram entrevistar *Ele*.

Fizeram-lhe sentir o seu desejo por escrito, em petição cerimoniosa. *Ele* acedeu. Marcou local, dia e hora.

Chegou, emfim, o momento. Iam ouvi-lo a *Ele*! Foi uma anciedade...

—V. Ex.ª póde esclarecer-nos? Nós não percebemos... confessamos... Lêmos, mas...

Ele, a sorrir:

—Compreendem que não posso desvendar o meu segredo... E' o segredo da minha Arte... E' a Beleza!...

—Todavia, nós... V. Ex.ª perdôe-nos... Nós julgávamos encontrar nas palavras o que os olhos da carne não vêem... A idéa, o sentimento, a vida do Verbo, a sintese mental, a utilidade, o aproveitamento da energia... Ou antes... Tenha V. Ex.ª paciencia. Julgávamos que o vestido envolvia um corpo vivo... em acção... boa ou má, não é o que importa agora... Mas...

—Mas... está lá, meus senhores! Sou *Eu*... O corpo vivo sou *Eu*... Sou *Eu* a acção... Pois quem é que escreve?!

—Sabemos... Mas, lendo-o, fica-nos a impressão de que V. Ex.ª escreve sem actividade intelectual, por pura ninémotecnia. Denota-se ali uma acção meramente automática, que supõe apenas a detenção de uma equivalente de energia bruta, sem utilidade para si nem para os outros...

—Ora vamos lá a vêr—interrompeu *Ele*, visivelmente alterado, rodopiando nos bicos dos sapatos.—Os senhores vieram aqui para fazerem pouco de mim? Lembrem-se que *Eu* sei muitissimo bem aquilo que escrevo. Lá estão as orações perfeitas, com sujeito, verbo e predicado.

—Não contestamos, pelo amôr de Deus! Nós queremos convencer-nos de que V. Ex.ª é muito, tendo alguma coisa de util no que escreve. Entretanto, não nos foi ainda possivel encontrar... Se V. Ex.ª nos permite um exemplo... Ora ouça V. Ex.ª: um homem passeia despreocupado, cortando hastes de hervas do campo, com a sua bengala de castão de ouro. Outro ampara e dirige as aivecas da charrua.

(*Continua*)

A CIDADE

CHÁ DAS CINCO

Ciume

Um parque de uma casa apalaçada, nos arredores da cidade. Velhas arvores, cadeiras de jard.m, uma mesa com refrescos. Meia tarde.

ELA—trinta anos, pele transparente, olhos claros, vivacidade. Vestido escuro, um grande cabeção de cambraia com valencianos.

ELE—idade incerta, forte, glabro, sereno. Voz insinuante.

ELE—Não acredita?...

ELA—(saboreando lentamente um sorv te) Não acredito.

ELE—E que devo fazer para me acreditar?

ELA—E' tão sua essa pergunta! Quando um apaixonado não sabe o que deve fazer... e pede programa! ..

ELE—E' que é tão má para mim, tão caprichosa!

ELA—E o meu amigo tão paciente, tão sereno, tão inalteravel!

ELE—Sou paciente por que me domino. Achava-me ridiculo se me zangasse, se fosse mal educado consigo porque lhe apetece atormentar-me um bocadinho. . Isto devia mostrar-lhe quando lhe sou afeiçoado...

ELA—Afeiçoado não duvido, mas não me tem amor.

ELE—Não diz isso convencida?...

ELA—Juro-lhe que di o. E d pois a prova maior, a mais infalivel é esta: não tem ciumes.

ELE—Ah! julga o ciume prova de amor?

ELA—E' o sintoma mais convincente. Lembra-se de me ter dito, um dia. que, se soubesse que eu encontrava com outro homem uma felicidade que você não me pudesse dar, me aconselharia, sem hesitações, a seguir esse caminho?

ELE—Lembro. Quere maior prova?...

ELA—Não é preciso. Desde esse dia fiquei completamente esclarecida.

ELE—Não compreende, no amor, a dedicação, o sacrificio?...

ELA—Conforme o genero de dedicação e de sacrificio. Podemos sacrificar ao amor a riqu sa, a situação, as convenções sociais, o sossego, a vida Não podemos, nunca, sacrificar o propr o amor, cedendo o nosso logar a outra pessoa, voluntariamente.

ELE—Parece-me que seria a maior abnegação?...

ELA—Maior abnegação e menor amor. E' nisso que o amor é diferente da amisade. A amisade alegra-sé com a felicidade daqueles a quem quer bem, desinteressadamente. venha ela de onde vier. O amor só admite a felicidade que vem dele proprio ou que ele partilha. O amor tem ciume, ciume constante, ciume de tudo. Vive dentro de uma inquietação qua a melhor confiança não apaga e no dia em que essa inquietação desaparece é porque o amor envelheceu, morreu, ou se transformou em amisade, deixando o lugar vago para outro amor.

ELE—Nunca tinha encarado o amor sob esse aspecto. Para mim o amor ou reveste a forma da aventura, do flirt, sem inquietação e sem ciume—amor ligeiro, a que se dá o nome de amor apenas por delicadeza—ou então a forma séria, definitiva e por isso mesmo tranquila, confiante. O ciume parece-me uma brutalidade inutil.

ELA—Quando se manifesta brutalmente. Mas o ciume das pessoas delicadas e inteligentes, que sabem conter-se pela educação e julgar pelo raciocinio, é uma coisa encantadora. E' uma homenagem permanente, que lisongeia tanto mais, quanto menos tenha razão de ser.

ELE—Mas quando não tenha razão de ser, não deve existir.

ELA—Você abusa das conclusões matematicas. O ciume é conto o mêdo. Sente-se à tort et à travers.

ELE—O ciume, minha querida, faz da vida um inferno.

ELA—E ás vezes é um principio de felicidade. Eu casei muito nova, sem amor, inconscientemente: casaram-me. E sabe por que não fui infeliz? Porque o meu marido era ciumento. Durante os cinco anos do nosso casamento fez-me sempre a côrte, acompanhou-me, zelou-m , como quem guarda um tesouro. Era inteligente, era bom, via que não tinha razão de inquietar-se, mas o ciume persistia e conservava-o sempre para mim o namorado, que me fazia viver um ambiente de ternura. Se não tivesse morrido, suponho que assim contiuuaria até á velhice.

ELE—Nem todos têm o mesmo modo de sentir e de manifestar os sentimentos...

ELA—Quere dizer que nem todos sentem?... E' muito mais exacto. Há muitos homens que não têm tempo para sentir. Os sabios, os politicos, os comerciantes, os jogadores, perdem quasi sempre as faculdades sentimentais e depois, como é natural, não podem manifestar o que não existe. Ora a mulher só é feliz quando se torna, já nao digo a unica, mas a principal preocupação do homem que escolheu.

ELE—Minha querida amiga, há muito romantismo nas suas ideias. Creia que o sentimento que lhe afirmo merece ser atendido. Há de reconhecê-lo e fazer-me justiça.

ELA—Não me recuso a ser convencida...

ELE—Espero convencê-la. (Consulta o relogio e levanta-se). Tenho uma reunião politica a que não posso faltar, mas, se mo permite, voltarei ámanhã...

Maria de Carvalho.

Boatos e mais boatos

Continuaram hoje os boatos de alteração da ordem publica, como de costume. A's 15 horas, o ministerio da Guerra mandava estar de prevenção simples todos os quarteis da guarnição de Lisboa, havendo piquete sob o comando de um oficial pronto á sair.

TRAGEDIA SANGRENTA

HISTORIA DE UM CRIME

que emocionou Lisboa

Como Jacqueline Alice Mutter, a francesa da rua das Flores, fi assassinada ha 9 anos, em 23 de Março de 1912

Ela chamava-se Jacqueline Alice Mutter e teria uns vinte e cinco anos; êle, Virgilio Tavares, não fizera ainda os dezanove. Conheceram-se no Porto. Mais tarde voltaram a encontrar-se em Lisboa, onde êle a assassinou num terceiro andar da rua das Flôres. Podemos precisar o numero do predio: era o n.º 13. Foi em 1912. Vocês não se recordam?

Aos 7 anos já o pai de Jacqueline a tatuava de desejos. Era numa vila suburbana de Paris, numa daquelas vilas que o Sena encanta e onde os pintores, estirador aberto, pincel na mão, grande guarda sol listrado de vermelho, em três traços ou em três pinceladas, fixam um recanto, dão-nos uma arvore e, muitas vezes, uma paisagem que mais tarde chega até nós numa caixa de fósforos de cêra.

Mas a mãe de Jacqueline espreitava, viu; expulsou-a de casa. Ela vagueou pelas estradas; foi um pouco gitana da sua sensibilidade e emoção. Paris fascinou-a, tomou-a em seus braços, entregou-a a um bando de «apaches». Passy, Montmartre, Moulin Rouge viram-na dansar coberta de chama, ela mesma chama da sua propria vida. A' noite, muito pela noite, ela com os «apaches» escamugiam-se na sombra. Um grito; um relampago de uma lamina; um baque soturno no passeio; uma pesquiza rápida e o silencio estagnava outra vez, maior pelo silencio irrevogavel daquela bôca para sempre fechada. Dividiam um roubo. Jacqueline era um pouco garota. Levava as bilhas dos leiteiros; ia até a casa, ameaçava a mãe e levou-lhe, ao principio, as joias, depois, os vestidos, depois a mãe morreu.

Um estudante levou-a comsigo para Toulouse. Foram seis meses de amor, talvez o idilio, de paixão, em que a sua alma se dilatava de alegria, já transfigurada de beleza. Mas aquilo teve um ponto final; foi um dos ultimos capitulos da «Safo» de Daudet. O estudante, um dia, viu-se sem mesada. O pai não queria; opunha-se áquela ligação. O estudante chorou; ela partiu para Bordeus... Bordeus? Talvez Marselha. Os registos policiais não dizem bem; só têm uma palavra vaga, quasi infinita: França.

Uma «dame galante» de Lisboa, em recolta de belezas para florir um segundo andar qualquer da rua do Ferregial, conheceu-a. Vieram as duas; talvez viessem mais daquela vez.

Jacqueline mostrou a Lisboa inteira a sua alma e o seu corpo. A alma era depravada, arrepiava, tinha lama. O corpo era o de uma estatua com linhas evocadoras de beleza helenica, poderosas, subjugantes. No entanto, naquela alma — os médicos não querem crer — muito fragil, muito escondida, havia uma pequenina dedada de romanticismo. Paris não a queimara por completo. Um dia, Jacqueline abalou da rua do Ferregial e foi até Vigo. Era no tempo das incursões. Um dos filhos de Eça de Queiroz batia-se como um leão contra os republicanos. E ela, Jacqueline Alice Mutter, ela, cuja alma tinha lama, atravessou as balas, ladeou os canhões e, sorrindo-se, gracejando, já divinizada de paixão, foi enchê-lo de caricias, de lágrimas. Heroismo? Amor? Os médicos dizem que não; nós dizemos que sim.

Virgilio Tavares tambem tem história. E' uma história simples, á qual três frases lhe bastam. Foi honrado em Portugal; falsificou um cheque de 90 contos fracos no Rio, fugiu para Buenos Aires, escondido, voltou a Lisboa num vapor. 19 anos! Mas era uma criança!

Tinha uma amante, uma Julia qualquer. Jacqueline tinha joias, tinha dinheiro e era bonita. Virgilio foi muita vezes á rua do Ferregial. Não tinha nem dinheiro nem emprêgo. Prometia pagar lhe daí a dias, e nunca o fazia. Jacqueline desculpava. Ela gostava mesmo daqueles rapazitos, que passavam uma noite uma noite inteira, com faiscas nos olhos a namorar-lhe a beleza. A êstes, algumas vezes deu-se de graça; chegou mesmo em seu lugar, a entregar á «dame galante» o dinheiro que ela exigia.

Entremos no crime. Virgilio escreve-lhe uma carta em mau francês, marcando uma entrevista ao pé da Jansen. Não a assinou, mas ela foi. Levou-a até ao seu quarto, um quarto banal com reposteiros, cama de mogno com um travesseiro arrendado, mulheres de beleza pelas paredes e uma mesa de cabeceira com um candieiro de petróleo em cima. Primeiro, o amor; depois, o crime. Virgilio queria as joias de Jacqueline. Três aneis com brilhantes e algum dinheirito que ela trazia na mala. Cinco horas. Fechou a porta do quarto á chave; abriu a gaveta da mesa de cabeceira; uma faca de lamina lárga luziu-lhe na mão. Jacqueline gritou. A primeira facada, a segunda, a terceira... sete, ao todo. Foi uma doidice, o sangue jorrava por toda a parte, alastrava-se pelo quarto, escorria-lhe das mãos, do vestuario. Era uma criança aquele Virgilio! Não tinha a consciencia do crime. Não se julgava actor daquele drama, apenas espectador.

Saiu do quarto, depois de enrolar ao pescoço de Jacqueline uma toalha, que o processo afirma ser turca. No entanto, voltou três vezes: a primeira, para tirar á vitima os aneis; a segunda, para buscar uma carteira; a terceira, para ver se o seu crime já tinha sido descoberto. Quando voltava pela quarta vez, viu da rua a janela do quarto aberta. Isto tudo no mesmo dia, no dia 23 de Março de 1912, com um lindo sol de primavera. Pela noite, empenhou os aneis aqui e ali; foi ao «Royal», jogou depois no bilhar e até de madrugada entreteve-se numa casa que a policia apurou pertencer a uma espanhola e, como sempre, de reputação suspeita. Ao outro dia, conversou com a Julia, aquela Julia que era sua amante. Deu-lhe dinheiro para desempenhar um cordão e afastou-a do quarto do crime, onde os dois viviam e se deitavam de madrugada alta. Porque a Julia não era honesta... Virgilio foi prêso nessa tarde; a amante tambem. No Limoeiro fazia versos saudosos a uma Clélia. Morreu tuberculoso no inverno seguinte. Não teve remorsos. Era uma criança. Se êle não sabia o que era o crime!

Rapidamente eis a história de um drama que impressionou Lisboa há nove anos. Há duas horas que o sr. dr. Azevedo Neves nos mostrou todas as provas do processo. A fisionomia de Jacqueline é horrorosa. As linhas do rosto, congestionadas de pavor, torcidas de angustia, esfaceladas de golpes, crispam os nervos, apunhalam o coração. Mas se ela tinha de morrer assim...

Artur Portela

André Brun

Visitou hoje o «Diario de Lisboa» o major sr. André Brun, ilustre escritor teatral. Apresentamos-lhe cumprimentos de boas-vindas.

EPOCA DE VERÃO

O TEATRO DE LISBOA NA PROVINCIA

O EXITO DA COMPANHIA REY-COLAÇO-ROBLES MONTEIRO EM SANTAREM

Por noticias recebidas de Santarem, e até por declarações de pessoas que têm assistido ás recitas no teatro «Rosa Damascena», sabe-se que foi coroada do maior exito artistico e material a primeira etape da «tourneé» Rey Colaço-Robles Monteiro. Na primeira recita com a «Marianela», a que assistiram alguns redactores do «Diario de Lisboa», tiveram ocasião de constatar o sucesso que depois mais se acentuou. De Santarem recebemos as seguintes impressões de um amigo do nosso jornal:

SANTAREM, 15.—O palco do primeiro teatro de Santarem, pelo qual passaram já as maiores figuras contemporaneas do teatro português, e entre elas os irmãos Rosas e Brazão, Lucinda e Lucilia Simões, Rosa Damasceno e Virginia—um passado já longinquo!—acaba de ser pisado tambem pela distintissima atriz D. Amelia Rey Colaço, que é hoje, sem favor, uma artista de relevo e mais do que uma esperança, já uma bela realização da scena portuguesa, mercê dos extraordinarios recursos de que dispõe.

Na sua primeira digressão artistica pela provincia, teve Santarem a primasia de a ouvir em primeiro logar; e é-nos intimamente grato constatar, que os frequentadores do «Rosa Damasceno», embora por tradição e refractarios a exteriorisar o seu aplauso, desta vez, alheiados desta inexplicavel atitude, souberam aplaudir a inimitavel interprete da «Marianela».

Sabendo nós que no «Diario de Lisboa» se registam sempre e com agrado os sucessos do teatro português, quizemos ouvir D. Amelia Rey Colaço, para transmitir-mos a este jornal, as suas impressões de Santarem, ao que gentilmente a gentil artista acedeu, num intervalo da peça «Entre Giestas».

—Está satisfeita com o acolhimento que teve nestas noites em Santarem?—preguntamos.

—Absolutamente; têm sido amabilissimos para comnosco, cativando-me em extremo. Veja o teatro sem um logar vago. Eu sei que outras companhias aqui têm vindo e que algumas não satisfizeram o publico, o que explicaria um certo retraimento.

—Pode V. Ex.ª estar segura, que os aplausos que tem ouvido são o sentir dos espectadores, porque na provincia não há «claque». Tem-lhe agradado Santarem?

—Muito. O panorama das Portas do Sol sobre o Tejo e ao longe Almeirim, é magnifico. A cidade cheia de interesse.

—Para onde seguem daqui.

—Vamos ás Caldas da Rainha, Figueira, e depois a Castelo Branco e a Fundão. E' uma pequena «tourneé» e finda ela, antes de regressarmos a Lisboa, vou com meu marido, descançar uns dias em S. Vicente da Beira, nossa terra natal.

Trocámos ainda algumas palavras de critica á peça de Carlos Selvagem, que tanto nos agradou, talvez por sermos dessa Beira onde o seu entrecho simples se desenvolve, avivando o seu vocabulario «sui generis» as nossas remenicencias de criança.

Ia continuar o espectaculo. Era forçoso retirarmo-nos, o que fizemos, feitos os nossos agradecimentos.

O publico ficou satisfeito com a interpretação dada ao original trabalho de Carlos Selvagem e justo é salientar o trabalho consciencioso de Amelia Rey Colaço, Robles Monteiro e A. Albuquerque. Segunda-feira temos o «Sonho de uma noite de Agosto» e terça-feira, a «Zilda».

M. F.

A CIDADE

ALJUBARROTA!

A MISSA CAMPAL NAS VELHAS RUINAS

NUN'ALVARES PEREIRA, GUERREIRO E SANTO—A ALMA DE PORTUGAL

Dia de agosto ardente—o ar cresta, o sol queima, o azul deslumbra.

Devi ter sido assim, esse longinquo dia de Aljubarrota, que Santa Maria da Batalha imortaliza, dia glorioso e bemdito em que de tantos peitos portugueses correu suor e sangue.

Como vai distante o ardor mistico de Nun'Alvares, essa flama de amor puro que juntava Deus e a Patria na mesma dedicação, na mesma fidelidade, na mesma ternura redentora!

Entre as ruinas magestosas, vestidas de hera, do velho convento do Carmo, em que o *Santo Condestabre* dava «a sua sôpa, mail-a sua roupa, mail-o seu dinheiro, a missa campal recorda e resa. Sob o docel do altar, a figura branca de Nun'Alvares adolescente—cabeça descoberta, corpo esbelto, cota de malha—ergue os olhos ao céo. E' assim, realmente, que para nós mais avulta o guerreiro de Aljubarrota e Valverde. O Heroi ofusca o Santo.

Para a tradição que se arreiga no coração e no pensamento, para Portugal a que ele tanto quiz, Nun'Alvares é sempre novo, sempre belo, sempre forte. E', por assim dizer, o noivo espiritual de Joana d'Arc, que morreu antes de envelhecer.

A missa campal continúa. Vozes claras e puras de mulher, elevam-se, acompanhando a cerimonia, e o vôo das pombas das ruinas corta docemente o ar quente e quieto, que mal faz tremeluzir a chama das velas.

Ha quem rese e medite, figuras ajoelhadas, rostos de enternecimento e prece, mas o povo, o povo a que Nun'Alvares deu orgulhosa independencia e carinho, o povo por quem derramou o seu sangue generoso, o povo que outrora o acompanhava, o admirava, o abençoava, está distraído, passeia sem recolhimento e sem entusiasmo, *vê* e não *sente*. E talvez quem lhe arrancou idealismo, tradições e fé, julgue ter feito uma obra meritoria!

A missa termina. O conego Anaquim abençôa, as cabeças curvam-se, o bispo de Beja sobe ao pulpito e as suas vestes de prelado põem na claridade da manhã uma intensa nota de côr.

A multidão junta-se para ouvir e aos que estão mais distantes as palavras chegam truncadas: Gloria... Fé... Patria... Nun'Alvares... Valverde... Salvador... horas de tristeza... destinos de Portugal... Deus fará um novo milagre...

A voz vibra comovida. Numa igreja, perto, os sinos tocam.

E as pombas esvoaçam, assustadas, ainda, pela salva de morteiros que estalou ao levantar a Deus. Das suas azas cáem umas peninhas leves, simbolicas, que pairam no ar, como pequeninas borboletas.

Uma velhinha chora.

O orador calou-se, desceu do pulpito.

A assistencia dispersa-se.

Os que ficam formam alas á passagem do Senhor Patriarca, que dá a beijar a mão emagrecida em que o anel flutua.

E a figurinha branca, ao fundo, no altar — cabeça descoberta, corpo esbelto, cota de malha, olhos erguidos ao ceu—cresce imponente, e seduz e conquista e domina.

E' a alma de Portugal levantada acima de todas as desventuras, de todas as miserias, de todas as faltas. E' a nobreza, a coragem, a força duma raça, que se encarnou num vulto imortal, heroico, perfeito. E' a Fé, a beleza, a virtude, a redenção, que avança do passado e que nos indica o futuro!

Samuel

Biblioteca Nacional

Temos em nosso poder uma carta do sr. Raul Proença, sobre a Biblioteca Nacional, que publicamos ámanhã.

UM ASSUNTO PALPITANTE

A QUEM PERTENCE o convento do Quelhas?

O sr. dr. Borges Grainha diz-nos que o Arquivo das Congregações não deve saír do edificio onde está instalado

A quem pertence o antigo convento do Quelhas? Esta pregunta constitue um assunto palpitante, em volta do qual se têm bordado comentarios e que traz em conflito o Museu das Congregações Religiosas e o Instituto Superior de Comércio. O edificio pertence ao Instituto? Pertence ao Arquivo? Entrevistado por um redactor do «Diario de Lisboa», o sr. dr. Francisco Antonio Correia declarou que, no caso de não ser entregue ao seu Instituto a parte do edificio onde actualmente está instalado o Arquivo Congreganista, só tinha um caminho a seguir: pedir a sua demissão.

O que pensará sobre o assunto o sr. dr. Borges Grainha, a cargo de quem está a direcção do Arquivo das Congregações Religiosas? O sr. dr. Borges Grainha já não é a primeira vez que fala ao «Diario de Lisboa» do seu Arquivo e da história das preciosidades que ora se guardam no antigo convento do Quelhas. Mais uma vez, sob o doce olhar de uma religiosa velhinha — cujo retrato se guarda no seu gabinete — atende amavelmente o nosso pedido e começa a fazer-nos assim a história do Arquivo:

—A chamada lei das Congregações expulsou de Portugal os jesuitas e determinou que as suas casas ficassem pertencendo ao Estado. Em consequencia dessa lei, nomeou o dr. Afonso Costa uma comissão para ir ao Colegio de Campolide, a fim de escolher o material didáctico que se pudesse aproveitar para as escolas de Lisboa. Intervem nesta altura o ministro inglês, declarando que Campolide e o Quelhas não pertenciam aos jesuitas, mas sim ao subdito inglês Bramley.

—E' a história de Haia...

—Sim... E' a história de Haia. Foi, então, que o dr. Afonso Costa nomeou uma nova comissão — a chamada comissão jurisdicional dos bens das extintas congregações religiosas — para tratar propriamente da questão juridica. Em 18 de Janeiro de 1911, sou chamado pela primeira vez a intervir no assunto, a fim de estudar o caso Bramley. Comecei, então, a encontrar documentos preciosos para a história dos jesuitas e sua intervenção na vida nacional. Sugeri ao dr. Afonso Costa a formação de um arquivo, idéa que foi recebida de braços abertos. E começaram a vir para o Quelhas os objectos de todas as casas religiosas do paiz.

—No Quelhas estava nessa data instalado...

—... o Asilo do Vintem Preventivo, que teve de sair para aqui se instalar o Arquivo Congreganista. Desde 1913 a 1917, o Quelhas continua dependente da comissão dos bens das congregações religiosas, isto é, do Ministerio da Justiça. A essa data, apareceu-me o dr. Julio Dantas, que mostrou interêsse em anexar o Arquivo das Congregações á Inspecção Geral das Bibliotecas e Arquivos Eruditos. Consultada a comissão, foi de parecer que não havia inconveniente em aceder ao pedido do dr. Julio Dantas, passando o Arquivo a estar dependente do Ministerio da Instrução. Eu e o dr. Julio Dantas elaborámos um decreto, onde se podem ler estas palavras:

«Convindo sem demora organizar, classificar, catalogar e instalar convenientemente estas colecções (congreganistas), para instrução geral do povo e estudo de eruditos e futuros historiadores, evitando-se assim a perda e dispersão de milhares de documentos importantes — facto lamentavel já ocorrido em 1759, por ocasião da expulsão dos jesuitas, e em 1834, quando foram extintas as ordens religiosas... se determina a sua instalação em arquivo especial, na antiga casa congreganista do Quelhas».

Continua o sr. dr. Borges Grainha a documentar a nossa entrevista:

—O artigo 4.º dêsse decreto, conforme tinha sido por nós elaborado, dizia:

«O Arquivo das Congregações Religiosas ficará instalado no edificio congreganista do Quelhas».

Mais tarde, o projecto foi alterado e o artigo ficou assim redigido:

«O Arquivo das Congregações Religiosas ficará instalado na casa congreganista do Quelhas até que seja possivel destinar um edificio mais vasto para a sua instalação».

E o sr. dr. Borges Grainha acrescenta com o seu ar triunfante:

—Ora é isto o que o sr. dr. Francisco Antonio Correia oculta. E' que não há em Lisboa melhor casa, nem mais ampla, para se instalar o Arquivo.

—Diz-se, no entanto, que o sr. doutor se instalou aqui como em sua casa...

—Ora! Ora! Uma casa velha, arruinada, onde era preciso durante o inverno estar de chapeu aberto na cama, porque chovia por todos os lados... De resto, o meu serviço é absolutamente gratuito, não custa um centavo ao Estado!

—Mas tem uma dotação da Tôrre do Tombo...

—2$65 por mês, para agua e limpeza! O sr. Antonio Granjo, depois de visitar o Arquivo, dotou-o com cinco contos, que já foram inscritos no orçamento. Foi êle quem determinou que isto devia ser facultado ao publico, de acôrdo com o sr. ministro da Justiça.

—O que pretende então o Instituto Superior de Comércio?

—Pretende o edificio para alargar as suas instalações. Ora já se lhe prometeu a cêrca, onde deve ficar instalado o novo laboratorio, e para fazer uma entrada pela rua João das Regras. Além disso, a questão tem de ser resolvida juridicamente. A parte que pertence ao Arquivo está avaliada em 248 contos. Mesmo que lhe fosse cedida, ainda tinha que ser comprada. E, depois, o edificio é inadaptavel...

RUA DO AMPARO

A SAPATARIA MAIS ECONOMICA DE LISBOA

TELEF. C. 3541

Notas Mundanas

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as sr.as:

D. Mariana da Cunha Correia de Sampaio de Seabra, D. Maria Joaquina de Meireles, D. Maria Joana Peixoto Chedas Santana, D. Ana de Almeida Correia Leal, D. Maria Carlota de Carvalho Chianca e D. Maria da Assunção Schroeter Viana.

E os srs.:

James Mascarenhas, Francisco de Figueiredo Cabral, Ruy Fontes Pereira de Melo Ferreira de Mesquita, Karl Witel Andresen, Teodoro Vanzeller e Francisco Anjos Ribeiro Ferreira.

Casamentos

Realizou-se hoje, na paroquial igreja dos Martires, pelas onze horas e meia, o casamento da sr.ª D. Maria Emilia de Almeida de Vasconcelos Beja, gentilissima filha da sr.ª D. Judite Vasconcelos de Almeida Beja e do sr. Antonio Joaquim Sequeira de Almeida Beja (já falecidos), com o distinto advogado sr. dr. Francisco Lopes de Azevedo Coelho de Matos Castelo Branco Levita, filho dos srs. viscondes de Almeida e Vasconcelos.

Serviram de padrinhos, por parte da noiva, a sr.ª D. Odilia Machado Coelho de Castro e o sr. José Machado Coelho de Castro, que se fizeram representar pelos tios da noiva sr.ª D. Maxima de Vilhena e Vasconcelos e o coronel de artilharia sr. Fernando de Almeida e Vasconcelos, e por parte do noivo, seus pais os srs. viscondes de Almeida e Vasconcelos.

Foi celebrante o rev. dr. Augusto de Araujo, que no fim da missa produziu uma brilhante alocução.

Durante o acto foram executados no orgão varios trechos de musica sacra.

Terminado o acto religioso foi servido, na elegante residencia dos pais do noivo, á rua Vitor Cordon, um finissimo lanche, fornecido pela acreditada «pâtisserie» Benard.

Os noivos seguiram para Sintra, onde vão passar a lua de mel, partindo na proxima semana para o Rio de Janeiro.

Na «corbeille» via-se grande numero de artisticas e valiosas prendas.

Devido á falta de espaço reservamos para ámanhã a nota da selecta assistencia.

—Realizou-se no sabado na paroquial igreja de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.ª D. Maria da Soledade Uceda Pistachini, gentil filha da sr.ª D. Ana Uceda Baragar Pistachini e do sr. Damião Barbosa Pistachini, com o sr. Vasco da Fonseca Galvão, filho da sr.ª D. Maria Emilia da Fonseca Galrão e do sr. Julio Berneli Galvão. Serviram de madrinhas as sr.as D. Maria do Carmo da Fonseca Plantier e D. Sarah Macias Santos e de padrinhos os srs. Emilio Plantier e Artur Jaime Barbosa Santos.

Celebrou o acto, durante o qual se fez ouvir com acompanhamento de orgão a sr.ª D. Candida Becaud, o reverendo Francisco Maria da Silva, que no fim da missa fez uma brilhante alocução. Terminada a cerimonia religiosa foi servido na elegante residencia dos pais da noiva á rua João Crisostomo, um fino «lunch» seguindo depois os noivos para Sintra; onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande numero de valiosas e artisticas prendas.

Em viagem

Com sua esposa a sr.ª D. Maria do Carmo da Camara Horta e Costa e seu filho o sr. dr. Antonio da Camara Horta e Costa, partiu hoje no rapido para Entre-os-Rios, o sr. dr. Antonio Maria Horta e Costa.

—Regressaram ás suas propriedades em Escallos de Lima, na Beira Baixa, com sua gentil filha D. Maria de Lourdes, os srs. viscondes de Castelo Novo.

—Acompanhados de seus gentis filhinhos estão já em Sintra os srs. condes de Lapa.

—Da praia da Granja partin para o solar de Lanhezes, de Viana do Castelo, o sr. D. José Vaz de Almada (Almada e Abranches).

—Na praia da Granja são esperados o sr. Antonio Bernardo Ferreira, sua esposa a sr.ª D. Maria Henriqueta Viterbo Ferreira, e sua cunhada a sr.ª D. Virginia da Fonseca Viterbo.

—Regressam hoje de Cascais o sr. José do Espirito Santo Silva e sua esposa a sr.ª D. Maria José Borges de Medeiros do Espirito Santo Silva.

—Partiu para a Figueira da Foz o sr. Mario Barros, distinto gerente tecnico da Companhia «A Fenix Portuguesa».

—Para Portel, em visita a sua familia, seguiu hoje o nosso amigo sr. João Lucio do Amaral, alferes de infantaria e secretario do 2.º tribunal militar territorial.

—Regressou a Lisboa, após uma larga digressão pelo norte do país, com sua esposa a sr.ª D. Maria Amelia Dias Ferreira de Lemos, o sr. Antonio José de Lemos.

—Partiu para o norte o sr. José Baeta Neves, acompanhado de sua esposa e seu cunhado, o sr Francisco Almeida Cruz.

GRANDE VARIEDADE DE Bilhetes, fracções e cautelas **GAMA**

para todas as

LOTERIAS

Fornece para revender

PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais $15 para registo

Telefone: 1:020 — CENTRAL

Pedidos a

F. SILVA GAMA

R. do Amparo, 51—LISBOA

PROVINCIAS

Em Coimbra

O novo café

Coimbra, 14

Não causou boa impressão nesta cidade a deliberação do conselho de Arte e Arqueologia, não permitindo a instalação na antiga igreja de S. João das Donas, na Praça 8 de Maio, cujas obras já principiaram ha mais de três semanas. Ora já ali esteve uma esquadra policial e depois permitiu-se que a magnifica abobada fosse entaipada, transformando-se esse antigo edificio em residencia particular e numa agencia funeraria. Então não houve protestos e permitiu-se esse crime de lesa-arte. Agora pretendia-se fazer ali um estabelecimento grandioso, respeitando-se tudo quanto fosse arte, restaurando-se até, vem o conselho de Arqueologia opôr-se á realização desse grande melhoramento. Fomos contra a demolição do Arco de Almedina e no caso presente estamos tambem ao lado da razão, porque a empresa tinha em vista mandar restaurar e franquear ao publico a arte que ali existe, o que não sucederá se não se levar a cabo a referida instalação, porque lhe acontecerá o mesmo que se deu com outros edificios em iguais circunstancias—o abandono. A experiencia é dura.

Real de agua

O imposto do real de agua neste distrito, no ano economico findo, foi de 76.878$31, mais 5.240$38.

Gatuno atrevido

Já foi preso aquele gatuno que deteve o patrão no fundo de um poço de 7 metros de profundidade, para lhe roubar 256$00 em notas e 4 libras e meia em ouro. O larapio, aproveitando a ocasião em que o amo ali se encontrava a proceder a umas reparações, tirou-lhe as escadas por onde aquele devia subir, roubando-lhe em seguida o dinheiro que ele tinha na algibeira do casaco e tinha deixado ficar á beira do poço.

A greve academica

O ultimo depoimento feito na sindicancia a que se está procedendo acerca do conflito academico, foi o do sr. dr. Guilherme Alves Moreira.

Em Espinho

A epoca balnear

Espinho 13.

E' extraordinaria a afluencia de banhistas que diariamente chegam a esta esplendida estancia balnear.

Os hoteis encontram-se repletos e as casas particulares quasi todos alugadas.

Para a segunda quizena deste mês projectam-se interessantes festas desportivas e de caridade, tomando parte nas desportivas os nossos melhores «sportmans» e nas de caridade distintas senhoras pertencentes á sociedade elegante.

A Assembleia, depois de sofrer importantes reparações, abre ámanhã os seus magnificos salões aos seus numerosos «habituées», quasi todos infatigaveis valsistas.

A festa da flor

No proximo dia 21 do corrente, a Associação da Assistencia aos pobres desta praia realiza a «Festa da Flor» cujo produto reverterá em beneficio do seu cofre.

Coadjuvam esta festa um grupo de gentis senhoras aqui residentes, á frente do qual se encontra a grande benemerita da referida Associação, a sr.ª D. Zulmira Dias Loureiro, que actualmente dirige, com superior competencia, a Cantina da Assistencia.

Brevemente daremos nota desenvolvida desta festa, publicando os nomes das senhoras que fazem parte dos grupos que percorrerão as ruas da povoação vendendo flores.

Informam-nos que a Associação de Socorros Mutuos pretende levar a efeito, no mesmo dia, uma festa identica á anunciada pela Associação de Assistencia. Esta medida, que nós parece inoportuna e antipatica, tem sido muito comentava, dizendo-se que, a efectivar-se, terá a reprovação de toda a população.

Em Mangualde

As festas da Senhora do Desterro

Mangualde, 13

Em 14 e 15 do corrente realiza-se nesta vila a festa da Senhora do Desterro. Ha quermesse, arraial, fogo do Minho, procissão e festa de igreja e vem um rancho de tricanas de Coimbra. A musica é a do Asilo-oficinas de Santo Antonio, de Vizeu. Em 7 e 8 do proximo mez de setembro temos tambem aqui a tradicional festa da Senhora do Castelo.

Um incendio

Um violento incendio reduziu a cinzas a casa de habitação de Antonio da Costa, guarda-fios, residente em S. Cosmado, desta freguezia. Alguns amigos abriram uma subscrição para o auxiliar.

Um crime

Deu entrada na cadeia desta comarca Maria Lopes, de Cães de Baixo, desta freguezia, acusada do crime de infanticidio.

Em Castro Verde

O partido regionalista

Castro Verde, 13

O sr. dr. Pedro Fazenda, que se propoz como deputado independente pelo circulo de Aljustrel, sem entendimentos com partido ou grupo algum, simplesmente pela sua influencia pessoal, acaba de receber uma demonstração de confiança com a votação que obteve.

Iniciou já a formação dum partido regionalista, cuja ideia está sendo aceite com absoluto entusiasmo.

Em Matosinhos

Os melhoramentos locais e o desprezo da camara

Matosinhos, 13

Principiaram a movimentar-se as praias, mas principalmente neste tempo em que o calor asfixiante obriga a procurar a briza do mar. Casas para alugar são poucas e as que existem são por bom dinheiro. Matosinhos, que tem uma bonita praia e dista do Porto 8 quilometros, tendo três vias de comunicação com a cidade, encontra-se actualmente em completo desprezo, devido á camara não ter zelado convenientemente os interesses deste concelho. A agua é por conta gôtas, as estradas intransitaveis, as ruas esburacadas pelo levantamento da encanação do gaz, o que a camara nunca deveria ter consentido; iluminação é uma pobreza franciscana e não há em todas as ruas; o cano de esgôto, na Avenida S. Pinto, é uma ratoeira perigosa para os proprietarios e inquilinos, e não é beneficio para os mesmos; o podar das arvores, nos jardins e praças, foi um aniquilamento no arvoredo e tudo quanto a camara tem feito é isto e muito mais, mas sempre em «beneficio» «de nunca beneficiar» esta terra que podia ter melhor sorte. Desta forma escorraça os forasteiros, visitantes, banhistas e muita gente que podia aqui fixar residencia.

A praia de Matosinhos, que é uma das mais antigas de Portugal e que no seu principio foi conhecida por Bouças, isto no ano de 124 da era cristã, poderia até hoje ter prosperado mais se os governantes e, principalmente, as camaras que têm estado á frente dos seus destinos, olhassem a sério em fazer progredir este importante concelho que tem um porto de abrigo, alfandega, semaforico, posto de telegrafia sem fios, um importantissimo comercio e uma população aproximada a 40 mil habitantes. Tudo isto é muito e significaria tambem muito se a camara saisse da sonolencia em que tem estado só para fazer mal, e entrásse no caminho do progresso e da prosperidade deste concelho.

Resido aqui, tendo tido alguns afastamentos, há 45 anos a passar e nunca vi Matosinhos tão pobre. Como vê, não sou filho de Matosinhos, mas gostava de o vêr progredir como se fôsse a minha terra; mas já vejo que eu e outros como eu, que temos aqui uma residencia demorada, temos mais amor á terra do que alguns filhos da mesma terra.

O semanario *O Badalo* bem tem reclamado: pede progresso, pede que acordem para trabathar, mas tudo é morto, a camara não ouve. Os meus desejos são que a camara, quando morrer, a terra lhe seja leve, com a torre dos Clerigos por cima; são estas as saudades que deixa em todos os habitantes.

Em Benavente

Um julgamento

Benavente, 13,

Terminou o julgamento em que era autora D. Adelina do Carmo Oliveira e reu o sr. Francisco Alves Moimenta, sendo a sentença a favor do reu.

As festas da Senhora da Paz

Em 21, 22 e 23 realizam-se as tradicionais festas á Senhora da Paz, nesta vila.

Serão abrilhantadas pelas filarmonicas de Alcochete e da terra. Haverá duas touradas, para as quais estão contratados os melhores artistas.

Sub-delegado da Republica

Tomou hoje posse do cargo de sub-delegado do Procurador da Republica, o sr. Joaquim Madeira Montez, abalizado medico-veterinario municipal. A nomeação foi acertadissima, porquanto o sr. Montez é dotado de finas qualidades.

Uma desordem

Após uma troca de palavras entre Antonio Guerra, fazendeiro, e Alfredo de Matos, ceareiro, ambos de Benavente, este agrediu o Guerra com um pau, ficando muito ferido na cabeça e com fractura num braço, tendo de recolher ao leito. O poder judicial procede contra o Alfredo.

Em Alandroal

Prisão de gatunos

Alandroal, 13

Por suspeitas de pertencerem a uma quadrilha de gatunos, foram capturados cinco vadios, sendo enviados para juizo uns e outros para cavalaria 10.

Farinha de má qualidade

Pão e farinha que a comissão de abastecimentos está vendendo ao publico, além de caro, é de pessima qualidade.

O tempo

O tempo refrescou um pouco. O calor que há dias se apresentava era insuportavel.

Carestia da vida

Só o vinho, neste concelho, tem baixado de preço. Os generos de primeira necessidade, pão, arroz e outros, têm subido.

Falecimento

Faleceu o sr. Mariano José Ruivo de Carvalho, secretario da junta de paroquia da vila de Terena, onde era muito estimado.

DIA RELIGIOSO

ÁMANHÃ, 16.—S. Joaquim, pai de Nossa Senhora. Duplez. 2.ª classe. Paramentos brancos.

Na missa, propria, comemoração da oitava, credo e prefacio de Nossa Senhora.

—Lausperene na capela dos Milagres, á Estrela.

—Festividades:

Sé, ás 11 horas, côro; ás 12, missa e vesperas.

S. Roque, ás 10, missa solene no altar do Santo, acompanhada a orgão, dando-se a reliquia a beijar aos fieis.

Milagres, á Estrela, ás 10, missa da paz; ás 18-30, terço de bemditos, por musica.

"DIARIO DE LISBOA"

Vende-se na linha de Cascais, nas estações de Parede e Estoril.

GARANTIA
Companhia de Seguros
Fundada em 1853 — Sede no PORTO
(Edificio proprio)
Sinistros pagos até 31 de Maio de 1921
Esc. 7.973.798$76,3
Capital — MIL CONTOS
(Inteiramente realizado)
EFECTUA SEGUROS:
Terrestres,
Agricolas,
Industriais,
de automoveis,
Trespasses,
Maritimos e de minas
—Seguros de vida—
AGENTES:
José Henriques Totta, Ld.ª
Banqueiros
Lisboa — Telef. 533 e 1589-C

PIQUETE NOCTURNO DE ELECTRICISTAS
CHAMADAS URGENTES
Sucursal de «O SECULO» (Rocio)
Telefone, 2:429 C. Pessoal da CASA RUB

Algarvia, L.da
Importadores e Exportadores
OLHÃO

Todas as questões de advocacia e procuradoria se tratam no
ESCRIPTORIO FORENSE
R. do Carmo, 35, 2.º
N.º TELEFONICO: 4:233 — C.

MEIAS, PEUGAS E CAMISAS
Grande baixa de preços!!!
Meias de algodão a 1690, 1890, 2490 e 3790 réis!
" " sedaline a 4490, 5490, 6490 e 7490 réis!
" " musseline a 6490 e 7490 réis!
" " seda a 8490, 9490, 12.490 e 13.490 réis!
" " seda (saldo) a 4490 e 7490 réis!
10.800 pares de meias, bom algodão, preto, branco e cabedal, a 2.000 réis!!!
Peugas de bom algodão, a 1490 e 1890 réis! Peugas de fantasia, a 2490, 3000 e 3790 réis! Peugas, fio de Escocia, a 4390 e 5490 réis!
GRANDE SALDO!
Camisa, colarinho, punhos e uma gravata 12.500 rs.!!
Grandes abatimentos em todos os muitos artigos da casa!
CAMISARIA MODELO
RUA DO OURO, 116, 117, 119—LISBOA
PREÇOS DE OCASIÃO!

Termas das Caldas de Canavezes
(A 2 quilometros da estação da Livração, Caldas de Canavezes, na linha do Douro)
CONDUÇÃO ÁS TERMAS EM AUTOMOVEIS
As mais ricas da peninsula em arsenio e as unicas aguas sulfurosas arsenicais do país para tratamento das doenças de pele, bronquites, laringites, sifilis, reumatismo, gôta, etc.
ABERTO DE 1 DE JUNHO A 15 DE OUTUBRO
Inhalações, pulverizações, douches nasais, irrigações e fricções—Banhos de imersão e douches—Grande Hotel—Parque, casino, mata e passeios no rio—Excelente de vistas deslumbrantes—Iluminação electrica—TRATAMENTO—DESCANÇO—TURISMO.
Endereço telegrafico — CALVEZES-MARCO
Escritorios: Nas termas. Em Lisboa — R. de S. Nicolau, 88, 2.º

NO ESTRANGEIRO

NO MUNDO DA SCIENCIA

O movimento scientifico na Russia durante o dominio dos "soviets"

Interessantes declarações do grande professor Sokoloff

Descoberta de uma vacina preventiva contra o tifo — Durante os ultimos três anos os casos de doença de caracter epidemico subiram a 32.000:000

Ha determinações do governo dos «soviets» que encerram uma certa contradição com as circunstancias. Entre outras declarações do professor Sokoloff, avulta esta de proibirem aos medicos que dêm mais de 50 consultas por mês a particulares, por temerem a influencia pessoal que poderiam adquirir!

Além desta, o professor Sokoloff que depois de ter sido preso varias vezes obteve emfim autorisação de continuar os seus trabalhos, dá as seguintes informações ácerca do movimento scientifico na Russia sob o dominio dos «soviets»:

Ao contrario do que se disse, os laboratorios viram os meios de trabalho muito reduzidos na generalidade, a tal ponto que alguns paralisaram de todo as suas investigações. Mas os trabalhos de investigação sobre doenças de caracter epidemico prosseguiram activamente com bastante resultado.

Sobre o tifo que foi uma das grandes preocupações do governo dos «soviets», que ameaçou alastrar por toda a Russia e que nalgumas regiões passou com tal intensidade que nas cidades se instituiram as chamadas «semanas da morte» em que toda a população se empregava a enterrar os mortos, esforçou-se o governo por fazer incidir toda a atenção dos sabios.

Graças a esses trabalhos, foram descobertos metodos de cura e de vacina preventiva.

Estas descobertas resultaram das experiencias do professor Zlatogoroff e dos seus colaboradores de Petrogrado.

Como vacina preventiva é usado o sangue aquecido dos doentes, depois de cinco a dez dias de doença, injectado sob a pele, em pequenas doses.

A predisposição para receber o tifo das pessoas assim vacinadas é cinco vezes menor que a das outras.

O serum dos convalescentes de tifo, tirado 10 ou 12 dias depois da queda de temperatura, serve para curar os já atacados. Este metodo foi utilisado algumas vezes com serums polivalentes, isto é tirados de varios convalescentes.

Se bem que não tão definitivos, mas muito consideraveis foram os resultados das experiencias do professor Gamaleia contra o colera por meio duma «vacina volatil».

Os medicos têm sofrido muitissimo com as calamidades de toda a especie de que tem sofrido a Russia. Não há um que não tenha sido atacado de qualquer febre entre 1917 e 1920 e deles metade pereceram.

Segundo os dados conhecidos, os casos de doença de caracter epidemico na Russia durante os ultimos três anos atingiram o numero de 32.000.000, dos quais foram fatais 2.000.000. (E' claro que neste numero não entram os casos de colera da recente epidemia). Só pelo tifo morreram 400.000 pessoas.

Algumas doenças como a obesidade e as consequencias do artritismo podem considerar-se desaparecidas, tal é a raridade dos casos.

SOMBRINHAS DE FANTASIA LEQUES
76
BENGALAS DE MALAGA VENTOINHAS
RUA NOVA DO ALMADA

O CONFLITO IRLANDÊS

O governo inglês reune durante durante duas horas e envia uma resposta a De Valera sobre a sua ultima proposta

O general Smuts escreve a De Valera e envia uma copia a Lloyd George

(Serviço especial para o «Diario de Lisboa»)

LONDRES, 15—O gabinete inglês reuniu para estudar a resposta dada ás propostas de paz ao governo pelo sr. De Valera. Lloyd George presidiu, tendo durado a reunião duas horas e devendo ser imediatamente enviada a proposta a De Valera.

Antes de partir de Inglaterra o general Smuts enviou um longo escrito a De Valera, de que Lloyd George recebeu copia.

O general Smuts exprimiu a sua convicção de que não podia haver uma solução basada na entrada do Ulster no Estado irlandês do sul. No entanto, acreditava que o Ul er viria a entrar num estado irlandês unificado quando isso fosse seu manifesto interesse e dentro de alguns anos. Presentemente, a situação irlandesa só se poderia resolver se se tomassem em conta as realidades presentes, e se se deixasse o Ulster governar-se por si.

O general Smuts aconselha a De Valera que se esforce para que a Irlanda do sul tenha uma constituição livre e que os negocios irlandeses se resolva duma maneira pacifica e tolerante permitindo os progressos da nação, o que traria provavelmente o Ulster para um entendimento e possivel ligação com o sul. Assim sucedeu com a Africa do sul que fez grandes sacrificios pelo ideal republicano e cuja união foi realizada através de variadas étapes e processos, tendo demorado anos. O general Smuts disse que a Inglaterra tinha oferecido à Irlanda um estatuto identico ao dos Dominios o que deve satisfazer tudo o que De Valera pode legitimamente desejar e que o que é bom para os Dominios seguramente é bom tambem para a Irlanda. Se os irlandeses dissessem ao mundo que não estavam satisfeitos com o Estatuto dos Dominios britanicos, isso alienar-lhe-ia as simpatias que têm sido até hoje a principal força da causa irlandesa.

O general Smuts frisou a importancia que havia em que a proposta inglesa fosse aceite, advogando tambem a sua aceitação e dizendo que as dificuldades irlandesas já não eram de ordem constitucional mas sim um problema humano. A carta concluia fazendo votos por uma paz honrosa e duradoura.—(U. P.)

A estrela do cimena, Florence Turner é encontrada amordaçada

LONDRES, 15.—A conhecida estrela cinematografica miss Florence Turner foi encontrada amordaçada e amarrada em Hampstead. Parece que miss Turner andava passeando com um individuo seu conhecido, quando este a atacou e a amordaçou, roubando-lhe joias e dinheiro na importancia de mil libras.—(U. P.)

DA RUSSIA

Os residentes estrangeiros têm liberdade para abandonarem o territorio russo

LONDRES, 15.—O representante dos «soviets» na Finlandia, declarou que o ministerio dos estrangeiros russo tinha comunicado a todos os cidadãos americanos residentes em territorio russo, que tinham liberdade para abandonar a Russia, mas que deviam notificar a sua resolução no mesmo ministerio, apresentando documentos que provassem serem realmente cidadãos americanos.—(U. P.)

DOS ESTADOS UNIDOS

Vai ser assinado o tratado de paz entre a Alemanha e os Estados Unidos

WASHINGTON, 15.—Será em breve assinado o tratado de paz entre a Alemanha e os Estados Unidos. O presidente Harding, disse a alguns senadores que o tratado estava sendo rapidamente elaborado, mas que provavelmente não seria submetido á sanção do Senado antes de Dezembro. O tratado segue as linhas gerais do projecto Knotz, salvaguardando os direitos economicos dos americanos e os acôrdos feitos previamente com os aliados.

Começou-se tambem a trabalhar nos tratados de paz a fazer com a Austria e com a Hungria.—(U. P.)

DE BERLIM

As negociações secretas entre a Alemanha e a Polonia

BERLIM, 15.

O governo desmente os boatos de negociações secretas entre a Alemanha e a Polonia, mas acrescenta que o chanceler Wirth tem repetidas vezes mostrado a decisão da Alemanha de promover a reconstrução economica da Polonia depois da solução do problema da Alta Silesia. — (U. P.).

A questão da Alta Silesia

BERLIM, 15.

O adiamento da decisão da Alta Silesia é altamente lamentada nos meios politicos de Berlim, porque dará lugar a novas possibilidades de disturbios. Faz aumentar estas apreensões a noticia de que o general Le Rond e Korfanty regressarão á Alta Silesia. — (U. P.).

Neves & Cruz
Importadores e Exportadores directos
SÉDE
Rua Ivens, 53
CONSERVAS E VINHOS
Filial em Anvers
RUE DES FORTIFICATIONS, 69, 1.º
Agentes no Congo Belga, Loanda e Benguela
(Produtos africanistas)

A GUERRA NO ORIENTE

A Grecia apresentará novas pretenções perante o Conselho Supremo?

A posição da Grecia actualmente permite-lhe impôr condições

Gounaris declarou que o objectivo da Grecia era destruir completamente os restos do exercito turco — A informação da Agencia Telegrafica Reuter

Não se enganaram os que interpretaram a resposta da Grecia ás propostas da paz dos aliados.

«A todo o tempo é tempo...» dizia a nota. E com efeito parece que chegou o tempo em que os gregos não só aceitariam uma mediação mas em que a pedem, ou fazem entender claramente que a aceitariam.

Apesar do scepticismo dos conhecedores do problema, apesar da ruim profecia ácerca duma nova derrota de Eski-Cheir, o facto é que a Grecia tem levado de vencida na sua frente o exercito kemalista e que as suas perdas têm sido insignificantes.

As perdas kemalistas têm sido serias; não se pode dizer que as suas derrotas e retirada tenham sido uma tactica especial com objectivo de atrair as tropas gregas a uma armadilha para as derrotarem quando elas menos esperam, num movimento rapido e envolvente.

E' caracteristico que os grandes orgãos de informação internacional já não afirmam (nem falam nisso) que nenhuma das potencias teria possibilidades de obter resultados definitivos. Como disse Romanos não é agora que os turcos enfraquecidos podem derrotar a Grecia.

Em todo o caso a guerra tem surpresas; as vitorias da Grecia devem ter surpreendido os militares que expuzeram a situação, com mapas e graficos, e que se se não actuaram a predizer-lhe uma derrota definitiva, deixaram pelo menos entrever uma situação tão dubia como aquela em que se encontravam. Ninguem sabe o que poderá ainda acontecer. Seria uma nova surpresa, uma ofensiva dos turcos e nós que não somos militares não podemos afirmar emquanto não fôr proclamado oficialmente, que a Turquia se encontra vencida.

O facto é que actualmente a Grecia se encontra numa posição muito favoravel para impôr condições e não perde o tempo.

A Agencia Reuter informa que a Grecia vai propôr ao Conselho Supremo a questão do Oriente, reclamando o cumprimento integral do Tratado de Sévres, com certas pretensões adicionais baseada sobre os sacrificios recentes.

Gounaris declarou que o objectivo da Grecia era destruir completamente os restos do exercito turco. Angora não terá ocupada senão em caso de necessidade, e espera ver terminadas em breve as operações militares.

O procedimento da Grecia apresentando reclamações mais conformes com os seus interesses, depois de vitoriosa, foi exactamente a interpretação que se deu ás palavras «a todo o tempo é tempo...», então recebida com o sorriso de quem não tinha fé nenhuma na vitoria.

Veremos se os gregos sempre tiveram razão em lutarem e em se sacrificarem em pouco mais.

As vitorias dos turcos ou dos gregos não são o factor unico, nem mesmo o mais importante da guerra no Oriente. Os interesses das grandes potencias é que dictam apesar do resultado das batalhas.

OBESIDADE
Tratamento pelos agentes fisicos
ESTORIL — TERMAS

O ACONTECIMENTO DA TARDE.

O SR. DR. ANTONIO CABREIRA INVESTIU NOVOS CAVALEIROS DA ORDEM DE SANTA MARIA DO CASTELO

O cerimonial da igreja dos Anjos---Dos antigos archeiros aos modernos "boy-scouts"

Pelas 2 horas da tarde de hoje teve lugar na Paroquial Igreja dos Anjos, mais uma solenidade de cavalaria, e espirito medievo, que resulta sempre famosa e muito comovente, o que foi nem mais nem menos do que a investidura dos novos cavaleiros da Santissima Ordem de Santa Maria do Castelo, a qual tem o Mestrado na posse do sr. dr. Antonio Cabreira, secretario da Academia de Sciencias de Portugal e publicista eruditissimo e ilustre.

Fazia este acto religioso parte extra-oficial do programa da festa da Raça, que tem o simbolo maximo na figura de Nun' Alvares, e o pretexto na comemoração da batalha de Aljubarrota. Quanto á imponencia da solenidade, ao seu luzimento e gravidade, falam abaixo as linhas da reportagem que damos, e á qual não é possivel, pelo adiantado da hora, acrescentar os pormenores que a completariam, como sejam o aspecto do templo, o ambiente mistico, e a comovida unção espiritual e cavaleiresca dos novos cruzados, entre os quais vimos um medico, um amanuense, um marçano, um padre, um estudante, um «boy-scott», e varias outras pessoas dificeis de classificar, por profissão, á primeira vista.

Antes da hora, já a sala da sacristia estava muito concorrida de antigos cavaleiros e pessoas da intimidade da Ordem de Santa Maria, seus guardiões ou protectores. A igreja estava razoavelmente concorrida de pessoas de familia dos neofitos, todos compenetrados da gravidade do acontecimento, e no côro gemia o orgão pedaços de musica sacra, que mais carregava o ambiente muito mistico do templo paroquial dos Anjos.

Ás 14 e meia horas começou a cerimonia. Na capela-mór deu entrada, envergando sobrepelis e pluvial sobre a sua batina de seda e vivos carmezins, como compete ao seu grau eclesiastico, o reverendo prior, Dr. Pereira Reis, acolitado pelo sacristão com sua sobrepelis de renda, explendida figura que ficaria bem de capelão em qualquer capela do Vaticano, e por um menino do côro. Logo entraram o ilustre Mestre da Ordem, Dr. Antonio Cabreira, fardado de academico, muitas condecorações, colares de S. Tiago e outras insignias, uma grancruz, espadim dourado, todo ele magestosa figura do melhor Portugal velho—o sr. Zuzuarte de Mendonça, oficial mór da Ordem, de frack, peitilho branco e condecorações, o sr. Raul Cordovil oficial mór igualmente recamado de veneras, o tenente-coronel de engenharia, fardado, Sá Correia, o sr. Joaquim Lapa, oficial de cerimonias, e muitos outros cavalheiros, entre eles um estudante de sciencia, de oculos e belo nariz grego, um «boy-scout», de colarinhos de bico, de «smouking», e pernas á mostra, por cima das meias de «foot-ball», e dos rapazes, ahi dos seus vinte anos, de bigode, vestidos de preto, cara de noviços, apezar do bigode, mantendo todas estas pessoas a gravidade e compostura propria do local e da cerimonia.

O sr. Dr. Pereira dos Reis tomou lugar do lado da Epistola, e todos os presentes estiveram á espera que no côro, um distinto cantor, voz de baritono, terminasse uns trechos de opera, parece-nos que a «Aida», e que parecia exceder o prazo marcado. De facto, a certa altura os srs. Lapa e Zuzuarte de Mendonça vieram para a sacristia, muito arreliados, dizendo: «isto não pode ser. E' opera de mais!». Emfim, fez-se silencio.

Dá agora entrada na capela mor um «team» de «boy-scouts», rapazes de várias caras, idades, fatos e alturas, desiguais para uma solenidade desta natureza, todos êles armados com varapaus de três metros. Entraram na capela mor, desceram á nave e foram colocar-se por detraz da teia, ao lado do Santissimo, tal como os archeiros na Sé, no tempo do «Corpus Christi» e da familia real.

Nesta altura, o oficial mor da Ordem, sr. Zuzarte de Mendonça, no meio da capela mor, e depois do sacerdote, com seu pluvial de cerimonial, se ter colocado de costas para o altar, chama os novos cavaleiros, que vão tomando lugar á direita, na atitude e aspecto que o leitor avaliará já pela unção e ambiente que desde o primeiro minuto não deixou de caracterizar o cerimonial.

Srs. Pedro de Lourdes Lapa, Carlos Soeiro, Franklin de Oliveira, dr. Elmano Alves, Sá Dias, Victor de Oliveira, estudante, Magalhães Barros, dr. Clemente Morais Sarmento, dr. Ascensão Contreiras, padre José Gaspar Borges, Gustavo Bessone Maurity, etc., etc.

Neste momento, a solenidade começa a revestir um grande carácter, que a atitude, á esquerda, do Mestre da Ordem, e o respeito que infunde a linha severa dos antigos cavaleiros, ao fundo da capela, ainda mais enobrece.

Avança então o Mestre Geral da Ordem e lê, pelo Estatuto, a fórmula do juramento:

—Juro defender a Religião de Deus, catolica, apostolica e romana; a Patria, da qual Nun'Alvares foi o heroi santo, e a Santissima Ordem de Santa Maria do Castelo...

—Sim... — diziam os novos cavaleiros.

E, ajoelhados, um por um, diante do sacerdote, beijavam os Santos Evangelhos sobre os quais juravam. Quando chegou a vez do sr. Carlos Soeiro, êste ia-se esquecendo de beijar, e o rev. prior observou: «beije! beije!» O cavaleiro beijou então.

O orgão gemia no alto do côro, as familias dos cruzados, que se lhes podem chamar, estavam plenas de atenção, e todo o templo se encheu de mistica unção medieval, no espirito da cavalaria e do amor das coisas tradicionais.

O Mestre da Ordem avançou novamente e disse:

—Em nome do capitulo geral, eu vos declaro armados cavaleiros da Ordem de Santa Maria do Castelo.

Lá, no fundo, junto dos antigos fieis, o novo cavaleiro das pernas á mostra, o juvenil estudante, o sr. Lourdes Lapa, o dr. Elmano Alves, com os seus irmãos de armas, mantinham a espectaculoridade do scenario. Vai falar o rev. paroco, que tambem pertence á Ordem, dr. Pereira Reis. No interior da igreja faz-se silencio e os dezaseis varapaus dos escoteiros infundem respeito. Orgulha-se o ilustre prior, por novamente ter ocasião de presidir, como autoridade catolica e representante do sr. cardeal patriarca, áquela cerimonia, na qual a Sagrada Religião e o nome sacrosanto da Patria aparecem ligados. A Ordem de Santa Maria é — como diz o Evangelho — um rebanhosinho pequeno (sic), todo sacrificado á Patria e a Deus. E nada mais tocante do que esta simplicidade que revestiu a cerimonia.

Dá consolação — acrescenta — ver, neste tempo de depravação e descrença, homens que olham para o alto, onde está a Patria, que é uma estrêla, e Deus, que é o sol doirado que tudo ilumina. «Lamentavelmente — afirma — os homens do nosso tempo trazem a cabeça baixa, olhando o chão, ao contrário dos homens antigos, dos quais até os poetas pagãos diziam que tinham o tronco direito e olhos voltados para cima. Porquê esta decadencia? Ah! Não precisam indagar. Os homens de hoje andam atraz da Moeda e dos prazeres terrosos. E é consolador — repete — observar que homens, como os presentes, fazendo parte desta Sociedade de péssimas tradições, de frivolidade e gôzo material, ainda elevam os olhos para o alto.

— Nós somos — diz — os representantes dos inclitos varões e dos muito altos infantes que iam ao Carmo rezar a Nun'Alvares nos momentos dificeis da Patria!

O ilustre sacerdote terminou por saudar os novos cavaleiros.

Estava terminada a cerimonia. Saiu primeiro o rev. prior e logo o Mestre da Ordem, imponentissimo, os «boy-scouts» de pernas á mostra, as pessoas circunspectas de peitilho gomado e veneras, e logo, na cauda, os srs. Oficial-Mor e alferes-mor. No côro, uma voz de baritono puxa uma Avé Maria em português, que nos pareceu tocada de fifias, mais altos do que há o direito de levar a um templo, em dia de solenidade.

Seguiu-se depois a sessão solene, na qual falaram o dr. Antonio Cabreira, dr. Pereira Reis, Zuzarte de Mendonça, etc.

Na sacristia os novos cavaleiros foram abraçados e beijados, espiritualmente.

DE PARIS

A demolição das fortificações

A cidade de Paris pode dispôr de mais 876 hectares

PARIS, 15.—Continua-se metodicamente a obra de demolição das fortificações de Paris. A capital, livre das fortificações que até aqui contrariavam o seu desenvolvimento, vai achar-se mais directamente associada á vida das populações dos bairros exteriores, onde a população ultrapassa um milhão de habitantes. A demolição da zona fortificada tornará disponivel uma vasta zona de terreno, á qual se junta á antiga zona militar. A cidade de Paris disporá assim de um total de 876 hectares. Os 500 hectares da antiga zona militar serão reservados a passeios e a terrenos de sport. Dos 376 hectares provenientes da demolição das fortificações, a cidade entregará 21 hectares a companhias de caminhos de ferro, que reclamavam muito mais. O Estado conservará 93 hectares para edificações publicas. Prevê-se que 36 hectares serão utilizados para se construirem matadouros e para construções do futuro porto de Paris e 162 hectares para edificação de casas baratas e de escolas. Emfim, 76 hectares serão vendidos em lotes para a construção particular. A repartição destes diversos terrenos será feita de maneira a contribuir o mais possivel para o embelezamento da capital.

Os terrenos visinhos do bosque de Bolonha serão vendidos para que neles sejam construidos edificios particulares rodeados de jardins. Conservar-se-ha o bastião do «Point du Jour», a titulo de monumento historico.—(R.)

A ultima colheita de trigo

Espera-se uma produção de mais de 90 milhões de quintais

PARIS, 15.—As searas de trigo foram favorecidas por especiais condições climatericas de modo que a colheita anuncia-se excelente.

A colheita de trigo será bem superior á de 1909, que foi, comtudo, excepcional. As espigas e os grãos são de primeira qualidade. O rendimento da colheita será, pelo menos, superior a um quarto ao da colheita de 1920. As informações vindas de todos os departamentos são satisfatorias, dando um rendimento médio por hectare de 17 a 18 quintais. Espera-se uma produção de, pelo menos, 90 milhões de quintais em vez de 70 milhões.—(R.)

Um concurso de que ainda hoje não se sabe o resultado

O ministerio do Comercio abriu concurso, em 21 de Janeiro de 1921, para admissão de candidatos para o preenchimento das vagas de 3.ª classe existentes no quadro dos arquitectos das obras publicas. O concurso era valido até 30 de Junho deste ano. O praso expirou, tornou a expirar, e os concorrentes ainda hoje não sabem qual foi a classificação. E' preciso dizer-se que os monumentos nacionais estão a cair. Não há pessoal habilitado para cuidar deles. O que pode dizer sobre o assunto o sr. ministro do Comercio?

Espectaculos

S. CARLOS—Fechado.
NACIONAL—A's 21,15—«Rogerio Laroque».
S. LUIZ—A's 21,30—«De capote e lenço».
GIMNASIO—A's 21,30—«O celebre Pina».
APOLO—A's 21,30—«A' procura do badalo».
AVENIDA—«Guardado está o bocado...».
POLITEAMA—A's 21,30—«A rainha do fonografo».
EDEN—A's 21,30—«Pé de dança».
SALÃO FOZ—A's 20,30 e 22,30—«Trólaró».
COLISEU DOS RECREIOS—Fechado.

ALÉM-MAR

O vapor "Quelimane" encalha na bahia da cidade de Moçambique

LOURENÇO MARQUES, 14

O paquete *Quelimane*, antigo paquete alemão *Kronprinz*, que seguia para Lisboa, encalhou na bahia de Moçambique, a 9 milhas do litoral, e será provavelmente posto a flutuar no dia 18, por ocasião da maré cheia. O paquete português *India*, que deve partir na sexta-feira, levará os passageiros do *Quelimane*, o qual não corre perigo algum.

Depois de lançar ao mar o carregamento o "Quelimane" é posto a flutuar

LOURENÇO MARQUES, 14.

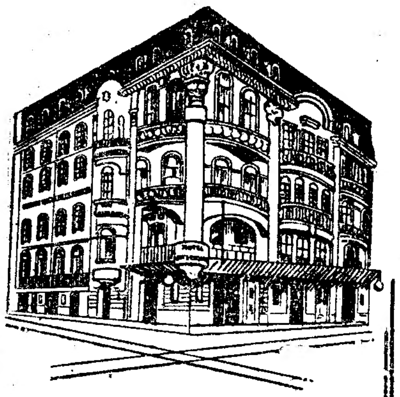
O paquete *Quelimane*, que foi posto a flutuar inesperadamente, continuou a sua derrota para Lisboa, mas o carregamento, que se compunha principalmente de sementes oleaginosas, teve de ser lançado ao mar.

Pelo juizo de direito da 4.ª vara de Lisboa e cartorio do 3.º oficio, correm editos de 40 dias, contados da 2.ª e ultima publicação do anuncio, a citar D. Maria Virginia Costa, divorciada, ausente em parte incerta, para impugnar por embargos, na 3.ª audiencia do dito juizo, depois de acusada esta citação, na segunda, contado da terminação do prazo dos editos, o deposito de 2:575$00 escudos, resto de maior quantia e seus juros que lhe devia o doutor Joaquim José Cerqueira da Rocha, de Buarcos, a favor da citada, sob pena da lei.

As ditas audiencias fazem-se em todas as terças e sextas feiras. Quando algum dia destes é feriado, não compreendido em férias, a audiencia faz-se no dia imediato, sempre por dez horas do dia, na sala do Tribunal da Boa Hora, em Lisboa.

Verifiquei

O juiz de direito—*Pinto de Mesquita.*


LISBOA
Hotel Internacional
O melhor tratamento
O menor preço
BANHOS
Almoços e Jantares
O Hotel Internacional tem automovel á chegada dos comboios e vapores.
TELEGRAMAS HONAL
Sociedade Luzitana dos Hoteis, L.da
Gerente: LINO MARTINS COELHO
ROCIO — ESQUINA DA RUA AUGUSTA